

Inclusão e diversidade nos museus em tempos de quarentena: agora e depois

Inclusion and diversity in museums in times of quarantine: now and then

Denyse Emerich¹

DOI 10.26512/museologia.v10i19.33995

Resumo

Este artigo pretende levantar alguns pontos relevantes para reflexão sobre os primeiros reflexos da quarentena imposta pela pandemia de COVID-19, doença causada pelo coronavírus, nos museus. Os focos da abordagem são sua relação com os visitantes e as dificuldades de comunicação ocasionadas pelo fechamento dessas instituições; a manutenção do contato dos museus com público em ambiente virtual; as primeiras providências para a retomada da visitação presencial e as recomendações/protocolos sugeridos pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

Palavras-chave

Quarentena. Recomendações/protocolos. Museu. Inclusão, diversidade.

Abstract

This article intends to raise some relevant points for reflection on the first reflexes of the quarantine imposed by the pandemic of COVID-19, disease caused by coronavirus, in museums. The focuses of the approach are its relationship with visitors and the communication difficulties caused by the closure of these institutions; the maintenance of the museum's contact with the public in a virtual environment; the first steps for the resumption of face-to-face contact and the recommendations/protocols suggested by the Brazilian Institute of Museums (Ibram).

Keywords

Quarantine. Recommendations/protocols. Museum. Inclusion. Diversity.

Introdução

Em todo final de ano, comentários na mídia costumam provocar o olhar para duas direções diametralmente opostas, uma mirada para os acontecimentos do ano que está findando e uma boa tentativa de olhar para a frente e ante- ver boas novidades.

Em 2019 não foi diferente. Se fizermos uma breve pesquisa sobre os prognósticos para 2020, perceberemos neles a presença da palavra mudança, talvez até por ser uma expectativa incorporada à nossa cultura, todavia as novidades extrapolaram qualquer aposta ou vaticínio.

O ano de 2020 começou com notícias sobre um novo vírus que rapidamente contagiou todo o planeta, mudou hábitos e comportamentos, transformou a relação com o trabalho e a maneira de nos relacionarmos na vida privada. A ideia de morte iminente que começou a rondar as famílias, os grupos de amigos e os ambientes de trabalho, acompanhada do sofrimento originado pelo isolamento, impôs novos questionamentos e reflexões (ZORZETTO, 2020).

As ações necessárias para conter a pandemia ocasionaram uma “retração generalizada da atividade econômica” e o fechamento de vagas de trabalho.

¹ Museóloga e Educadora em museus. Mestre em Museologia (PPGMus/USP); especialista em História da Arte (FAAP), em Arte Educação (ECA/USP) e em Museologia (MAE/USP); licenciada em Desenho e Plástica (UFJF). Atua como coordenadora do núcleo educativo do Museu de Arte Sacra de São Paulo e como consultora na gestão de projetos educativos e de memória em museus e instituições culturais. E-mail: demerich@alumni.usp.br

No Brasil, “segundo números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quase 5 milhões de pessoas perderam o emprego entre fevereiro e abril”. A situação no Brasil põe a nu uma sociedade com todo tipo de disparidade e carência que, entre outros pontos, abrange a falta de água para o mínimo de higiene necessária nesse momento e a escassez de alimentos, consequência da falta de recursos para sua aquisição e/ou impossibilidade de acesso ao auxílio financeiro disponibilizado pelo governo. A má orientação transmitida à sociedade por parte das lideranças políticas agrava esse cenário. A população não sabe a quem ouvir e que direção seguir, o que conduz ao aumento do contágio (ROUBICEK, 2020).

A redução de recursos originada pela crise financeira foi uma realidade que atingiu os museus de todo o mundo, ocasionada pelo corte de patrocínios privados e pela interrupção da receita gerada internamente (venda de ingressos, de produtos na lojinha, de funcionamento do café etc.) decorrente do fechamento temporário das instituições para visitação. Nas instituições museológicas, o corte de gastos gerou o dismantelamento das equipes de profissionais, resultando em demissões em massa. O Metropolitan Museum of Art, em Nova York, é um exemplo. Com a pandemia e consequente necessidade de isolamento por parte da população, fechou suas portas, o que gerou uma perda de aproximadamente 50% de sua receita anual. Por esse motivo, em abril, demitiu mais de 80 pessoas e, no início de agosto, anunciou o corte de mais 353 empregos. Destes, 79 membros da equipe seriam demitidos, 181 entrariam em licença e 93 se aposentariam voluntariamente, passando de 2000 para 1600 colaboradores aproximadamente (SINGH, 2020).

Os museus públicos ainda sofreram cortes de verba das fontes mantenedoras, proveniente da queda de impostos arrecadados e necessidade de redirecionamento de recursos com gastos excepcionais na saúde e no sustento de setores da sociedade, que perderam suas fontes de renda de um dia para o outro.

Com expressiva parte de sua força produtiva desempregada/desmobilizada, sublocada e/ou deslocada para outras searas produtivas, assistimos, entre incrédulos e pasmos, a dissolução errática do sistema nacional de cultura e, com ela, a dizimação do legado de dados, experiências e sistematização dos conhecimentos adquiridos desde o período da redemocratização do país, graças à realização de pesquisas e séries históricas contínuas, e de estudos pormenorizados de nossas indústrias culturais (ROSA, 2020, n.p).

O jornal O Estado de São Paulo publicou em 21 de julho de 2020, a notícia que o Museu de Arte de São Paulo – MASP, um dos mais famosos do Brasil, fechado há quatro meses, demitiu “29 funcionários, incluindo 21 contratados em regime CLT e outros 8 estagiários”, representando cerca de 13% do seu corpo de trabalho (REDE, 2020).

Se em nações referenciais, no que tange a políticas públicas de cultura e representação institucional consolidada, a situação é considerada preocupante, e, em muitos casos, gravíssima, pelo fechamento definitivo de museus e demissão massiva de trabalhadores culturais, especialmente aqueles abrigados nos setores educativos, receptivos, de pesquisa e documentação; no nosso caso, é dramática, agravada pelo período obscurantista que atravessamos, tributário de ideias e gestos arbitrários e preconceituosos (ROSA, 2020).

Neste cenário, os museus brasileiros, fechados desde meados de março de 2020, e sem perspectiva clara de quando reabrir suas portas, encararam os desafios da manutenção de suas equipes, a dificuldade dos cuidados com a

Inclusão e Diversidade nos museus em tempos de quarentena:
agora e depois

conservação do acervo e a necessidade de lidar com ações do universo virtual, para continuar fomentando o contato com o público (STUDART, 2020). Aqui novamente nos deparamos com a diversidade. Algumas equipes que lidavam anteriormente com ações de comunicação do acervo e de educação no ambiente virtual intensificaram suas práticas, porém outras tiveram que se dedicar a uma formação urgente, para desenvolver novas estratégias de extroversão.

Diante de uma realidade tão nova, repleta de incertezas e exigindo novos estudos e experimentos, em que fundamentos encontrar apoio?

A busca por respostas a esta e outras inquietações passaram a ser tema para encontros virtuais, trocas e compartilhamentos entre profissionais atuantes em todos os setores dos museus, no Brasil e no mundo.

Este texto se propõe a ser um convite à reflexão sobre inclusão e diversidade, levantando questões sobre a função social dos museus e seus públicos, tanto interno quanto externo, em meio ao isolamento ocasionado pela pandemia e seus desdobramentos.

Algumas discussões durante a pandemia

A pandemia chegou tão de repente quanto a ordem de fechar os museus, o que impediu uma discussão prévia entre os profissionais da área sobre sua função social nessa nova realidade (Reiss, 2020).

Para cumprir a diretriz do isolamento social, os gestores das instituições museológicas orientaram seus profissionais para, na medida do possível, executarem o trabalho em casa. Dessa maneira deram andamento a planejamentos, reuniões de equipe *on line*, continuidade a projetos e pesquisas, aprofundamento na preparação de atividades e criação de novas formas de contato com o público (STUDART, 2020).

As reuniões virtuais, as *lives*, os grupos de discussão organizados em aplicativos, em constante desenvolvimento tecnológico e alguns recém criados, passaram a ser instrumentos de troca de ideias e mapeamento de necessidades, identificadas na medida em que os profissionais atuantes no campo da museologia tomavam consciência dos novos desafios impostos pela realidade da pandemia e consequente distanciamento social. Se os museus tratavam com cautela a difusão de projetos utilizando plataformas virtuais, agora precisavam adotá-las como principal veículo de comunicação. Isso significou produzir e adaptar rapidamente conteúdos para esse ambiente, principalmente exposições, visitas e *webinars* (REISS, 2020).

Algumas instituições já ofereciam visitas a exposições virtuais ou ao seu espaço expositivo filmado e disponibilizado em sites. De acordo com Maria Isabel Roque (2020) essa prática se intensificou, em sua maioria, ainda pautando as propostas de fruição em modelos formatados na ação museológica convencional, transposta para o espaço virtual, que recebe uma “[...] réplica do que acontece no espaço físico do museu” (ROQUE, 2020, n.p). Em sua opinião, essa transferência dos acontecimentos “do espaço analógico para o digital” não é necessariamente ruim. Num momento especialmente incerto “[...] a percepção de continuidade pode ter um efeito apaziguador [...]” (ROQUE, 2020, n.p).

Outro instrumento muito utilizado foi a pesquisa virtual “tanto para o planejamento de exposições futuras, estudos de percepção sobre a pandemia, como também para a organização de novas atividades remotas para diferentes públicos” (STUDART, 2020, n.p).

Roque (2020) sugere que, uma vez que as rotinas tradicionais de trabalho foram quebradas, o momento é propício para questionar o modelo cujo discurso está centralizado no objeto, “nos seus atributos formais e estéticos” (ROQUE, 2020, n.p) e sejam adotadas novas estratégias comunicacionais que o reformulem, “[...] ensaiando narrativas alternativas e concedendo protagonismo a novos emissores” (ROQUE, 2020, n.p). A autora afirma ser possível explorar o suporte digital, inserindo informações relacionadas com o acervo exposto que incorporem “[...] um conjunto organizado de dados com camadas de informação diferenciadas, associado a roteiro de hiper ligações a diferentes tipologias de documentos textuais e de material visual gráfico” (ROQUE, 2020, n.p) e estímulos que provoquem o público a criar “[...] narrativas paralelas, ainda que correlacionais, que complementem ou, até, que contradigam o discurso institucionalizado” (ROQUE, 2020, n.p), e que permita ao visitante selecionar as peças que pretende examinar ou determinar o sentido do percurso a ser percorrido.

As sugestões de Maria Isabel Roque direcionam a participação do internauta visitante para uma experiência mais íntima e profunda com o acervo, uma vez que é convidado a mesclar seu repertório pessoal com os bens culturais preservados e comunicados pela instituição museológica. Tais sugestões estão apoiadas em conceitos que fundamentam a museologia social², que nasce na década de 1970, e amplia a discussão sobre a função social e educativa dos museus, entendendo que sejam abertos à sociedade, priorizando a condição de vida e defesa dos direitos das pessoas. Amanda Tojal (2007, p. 81) considera que a decisão de adotar uma política cultural que abranja os aspectos museográficos e educacionais demonstra que a instituição está em sintonia com “[...] o pensamento contemporâneo de respeito e reconhecimento da diversidade cultural e social [...] contribuindo para a democratização cultural por meio dos processos de inclusão social.”

A responsabilidade social é de todos os setores do museu, embora o convite à participação do público no ambiente virtual ou físico, feito por meio de propostas de interação, que conduzem os participantes ao envolvimento, e estimulam sua reflexão e fruição, com o objetivo de ampliar a participação e promover a inclusão social são algumas das tarefas que tem sido executadas principalmente pelos setores educativos. Parece, portanto, contraditório que seja esse o primeiro setor a ser penalizado com demissões nos momentos de crise.

A partir do fechamento dos museus no Brasil, em março de 2020, o Comitê para Educação e Ação Cultural (CECA BR) do Conselho Internacional de Museus do Brasil (ICOM BR) e a Rede de Educadores em Museus do Brasil (REM BR) se uniram em uma série de ações com o intuito de levantar dados e refletir sobre a situação do setor educativo no país. Um dos primeiros resultados desse movimento foi uma Carta Aberta dirigida aos profissionais de museus e ao poder público, contendo uma análise emergencial de dados, reflexões e sugestões, baseada em duas ações: uma pesquisa nacional e uma reunião convocada nacionalmente, realizada em 17 de abril de 2020.

A pesquisa abrangeu 58 cidades de 19 estados da federação, obtendo “213 respostas válidas, de educadores, coordenadores, gestores e estagiários, de 147 instituições” (CECA BR; REM BR: 2020: p 1). Esse primeiro levantamento indicou demissão de profissionais em 24% das instituições e suspensão de contratos e projetos educativos em 3% delas. Entre as respostas mais frequentes,

2 <https://memoriasocialcampinas.wordpress.com/conheca-mais-museologia-social/>. Acesso em: 1 set. 2020.

a pesquisa mostrou ainda que 74% dos respondentes afirmaram estar em regime de teletrabalho, enfrentando dificuldades tais como: falta de formação da equipe para realização de ações digitais e/ou on-line (37%); falta de acesso ao conteúdo da instituição (acervo, imagens, arquivos, documentos) (26%); falta de financiamento para produção das ações educativas digitais e/ou on-line (26%), citando apenas as respostas mais frequentes. (CECA BR; REM BR, 2020: p 1)

Esses resultados apontam para

a falta de reconhecimento da função educativa dos museus e para a desvalorização de seus educadores, em instituições públicas e privadas, reforçada pela prática histórica de relações precarizadas de trabalho, com fracos vínculos empregatícios e apresentando grande rotatividade e instabilidade profissional. (CECA BR; REM BR, 2020: p 2)

O não reconhecimento da profissão de educador de museus se reflete na má remuneração, no subemprego e na falta de formação profissional adequada, que fica ainda mais evidente quando os educadores necessitam executar trabalhos pela internet.

A realidade da educação em museus é reflexo das dificuldades vividas pela sociedade. “A inclusão digital visa promover acesso universal à infraestrutura tecnológica que sustenta as redes de informação e capacitar o indivíduo a lidar com estas tecnologias.” Além da aquisição do equipamento, o acesso depende de capacitação, ou seja, alfabetização digital e “a efetiva incorporação da tecnologia, a utilização desta como ferramenta de suporte para a construção de conhecimento” (PARK, 2007: 173-174). Os dados divulgados no dia 29 de abril de 2020, apurados pela PNAD Contínua IBGE³ no final de 2018, registraram que 45.900.000 pessoas não tinham sequer acesso à internet no Brasil, contingente de 22% da população, considerados os dados do IBGE em agosto de 2018, que estimavam a população brasileira para aquele ano em 208.500.000 habitantes (Agência ..., 2018). Os principais motivos apresentados pelas pessoas pesquisadas foram não saber utilizar (24,3%), falta de interesse (34,7%), serviço caro (25,4%) e serviço indisponível, especialmente na região norte do país (Lobo, 2020). Não estava contabilizado nesses números o contingente populacional com acesso à internet, mas sem conhecimento de sua utilização; acesso insatisfatório, seja por falta de uma boa ferramenta, celular, computador ou tablet, ou entendimento básico do universo digital; os 30% de brasileiros, de 15 a 64 anos, dados de 2018, incluídos no grupo de analfabetos funcionais⁴, ou seja, pessoas que sequer conseguem resolver operações matemáticas básicas ou articular informações explícitas encontradas em textos simples. Esses resultados não foram muito alterados nos últimos dois anos. Reflexo disso é a disparidade de atuação dos estudantes nos estudos *on line* durante a pandemia.

Com as portas ainda fechadas, os museus se dedicaram a preparar novos conteúdos de comunicação de seus acervos. O momento é propício para ousar, criar diálogos e formas de atuação inovadores para o presente e o futuro pós-pandemia focados nas mídias sociais: “exposições virtuais, visitas remotas aos espaços do museu e jogos interativos *on line*, entre outras ações” (STUDART, 2020).

3 PNAD Contínua IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

4 Dados do Indicador de analfabetismo Funcional (INAF), disponíveis em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/inaf-3-em-cada-10-brasileiros-nao-conseguiriam-entender-este-texto>. Acesso em: 02 set. 2020.

Em entrevista para o caderno Ilustrada, da Folha de São Paulo (SÁ, 2020), o diretor do SESC, Danilo Santos de Miranda, comenta sobre o fechamento das unidades do SESC desde 17 de março. Fala sobre a preparação das equipes técnicas para a reabertura “a retomada, esse quase que renascer, essa refundação institucional” (SÁ, 2020, n.p), dos gastos decorrentes dessa realidade e comenta a respeito da suspensão de 50% nos recursos destinados pelo governo à Instituição, justamente quando se espera da sociedade a adoção de novos hábitos. Afirma que para que essa mudança almejada ocorra são necessárias a presença da educação e da cultura.

Miranda reconhece os avanços que a utilização dos recursos virtuais trouxe do ponto de vista da abrangência das atividades oferecidas pela internet. Ocorreu um “aprendizado virtual” para a instituição, que ofereceu ao público mais de cem lives e lançou uma nova plataforma virtual no período. “A gente está aprendendo muito. Um ganho grande de penetração do nosso trabalho e um ganho também para os artistas, que estavam parados completamente” (SÁ, 2020, n.p).

É necessário que os profissionais de museu e o seu público estejam incluídos no mundo digital para que a comunicação virtual aconteça, o que requer a adoção de políticas públicas com esse objetivo. Porém, os museus são estruturados a partir de seus acervos físicos e é natural que anseiem pela retomada do contato direto do público com o patrimônio material. Segundo o arqueólogo Luís Raposo (2020, n.p), “Nada, absolutamente nada, pode substituir o calor da relação empática que se estabelece entre quem frequenta museus e as obras de arte que neles se podem sentir [...]”, portanto, os museus só têm sua missão concretizada em na plenitude, quando está aberto fisicamente e atendendo todos os seus frequentadores. O autor afirma que “[...] sem suporte físico em coleções reais [...]” (RAPOSO, 2020, n.p) os museus virtuais são apenas estratégias de marketing cultural, repositórios digitais, que se aproveitam do “[...] prestígio da palavra ‘museu’” (RAPOSO, 2020, n.p).

A retomada

Após quatro meses de portas fechadas, as instituições culturais começaram a se preparar para voltar a atender ao seu público de forma presencial.

Protocolos e recomendações foram desenvolvidos a partir dos dados obtidos junto aos órgãos de saúde municipais, estaduais, nacionais e internacionais, na medida em que o comportamento do coronavírus foi se tornando mais conhecido pela ciência e as informações ficando mais seguras.

O Brasil é um país de dimensões continentais e a velocidade do avanço do contágio pelo vírus demonstrou ser diferente em cada uma das cinco regiões do território nacional. O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) reconheceu tal diversidade, e iniciou suas recomendações indicando a necessidade de os museus planejarem cuidadosamente uma reabertura gradual, a partir de um diagnóstico, “reunir informações, consultar outras experiências, dividir a execução em etapas e estimar custos, considerando que a implementação irá requerer avaliações mais detalhadas sobre os recursos disponíveis” (IBRAM, 2020: 1-2).

Algumas transformações resultantes desse período já se instalaram. É possível afirmar, por exemplo, que o cuidado esmerado com a higiene trará mudanças no lidar com as exposições físicas interativas e com a acessibilidade ao toque. Sobre a influência da renovação de hábitos do ambiente social no campo museológico, Laura Belik (2020) acrescenta outras alterações como a utilização

Inclusão e Diversidade nos museus em tempos de quarentena:
agora e depois

do ambiente virtual para atingir um público maior, cuja “crescente produção de conteúdo disponível pela internet garante a atividade educacional e intelectual dos museus”; ou o distanciamento social, que estabelece impedimento nas aglomerações, e que se refletirá na impossibilidade de medir o sucesso de uma exposição pela capacidade de lotar salas. Porém, para a autora, a importância maior é o resultado da reflexão sobre a função social dos museus, refletida na utilização do seu espaço físico, ou seja, “[...] o que o museu representa para sua comunidade e como sua estrutura e espacialidade podem contribuir nos dias de hoje.” (BELIK, 2020, n.p) As comunidades atingidas pela pandemia precisam de apoio e os museus possuem espaço físico, estrutura e alcance para implementar ações de cunho emergencial. No cenário internacional, o Brooklyn Museum, em Nova York, anunciou a primeira iniciativa do gênero

[...] (localizado em uma área central e de fácil acesso no bairro do Brooklyn) que transformou o espaço de seu estacionamento em um Banco de Alimentos emergencial desde o começo de junho. Reconhecendo a necessidade de apoio à população nova-iorquina que hoje bate recordes de desemprego, o museu fez uma parceria com a iniciativa Campaign Against Hunger para a segurança alimentar da comunidade (BELIK, 2020, n.p).

Um termo cunhado durante a pandemia foi “novo normal”, usado com referência a todo tipo de expectativa relacionada a mudanças nos hábitos e costumes. Inicialmente refletia uma esperança em ações humanitárias, numa mudança profunda nas ações dos indivíduos em relação à comunidade na qual estão inseridos. Na opinião de Carlos Reiss (2020, n.p), Coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba, para o futuro dos museus, embora não seja possível prever com precisão as consequências da pandemia, não é bastante “novo normal” se resumir a “[...] um conjunto de estratégias de segurança viral e distanciamento social unidas a uma programação online.” (REISS, 2020, n.p) A crise vivida nesses tempos “[...] precisa servir como impulso para nos guiar a uma nova museologia, na qual o sentido de prestação de serviço à comunidade seja mais importante do que a guarda de acervo e o despejo de informações enciclopédicas.” (REISS, 2020, n.p) O autor propõe a “[...] construção de ambientes mais participativos, em que a memória social esteja ligada a formação de hubs de educação e a uma compreensão maior do nosso papel transformador.” (REISS, 2020, n.p) É imprescindível o reconhecimento desses espaços como agentes culturais e educativos. E agora, cada vez mais, como um espaço de engajamento comunitário.

Segundo Eleonora Santa Rosa (2020), entre os desafios da retomada, além da desmobilização e do desemprego que atingiu os profissionais da cultura, está a dissolução do sistema nacional de cultura, iniciativa do governo federal, que acarreta

a dizimação do legado de dados, experiências e sistematização dos conhecimentos adquiridos desde o período da redemocratização do país, graças à realização de pesquisas e séries históricas contínuas, e de estudos pormenorizados de nossas indústrias culturais. (ROSA, 2020, n.p)

Rosa realça a necessidade de investimentos nas áreas sociais, culturais e artísticas, mas aponta para a falta de tradição no campo da filantropia, no Brasil, e para o paradoxo da participação do estado no campo da cultura por intermédio das leis de renúncia fiscal que abrange impostos nas esferas federal, estadual

e municipal (IR, ICMS e ISSQN). A autora aponta algumas soluções a curto prazo, como por exemplo a mobilização por parte dos órgãos governamentais para que sejam aprovados de forma emergencial editais que tenham o mecanismo da renúncia fiscal como base.

Com a intenção de fornecer auxílio urgente para o setor cultural, em 29 de junho de 2020, foi publicada a Lei nº 14.017⁵. Popularizada como Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc, “estabelece ações emergenciais destinadas ao setor cultural”, e regulamenta três mecanismos de apoio emergencial, no valor total de R\$ 3 bilhões: renda emergencial mensal a trabalhadores da cultura; subsídio mensal para espaços artísticos, micro e pequenas empresas; e instituições e organizações comunitárias cujas atividades foram interrompidas por causa do isolamento social. “O recurso virá do superávit do Fundo Nacional de Cultura, apurado até 31 de dezembro de 2019, [...] mediante transferências da União a Estados, Municípios e ao Distrito Federal” (MARKETING, 2020, n.p). Esta é uma ação pontual, com prazo de duração de 60 dias. Muitas outras terão que ser implementadas já para o início de 2021, com vistas a dar suporte às ações culturais, e num âmbito mais específico, aos programas e projetos ligados à preservação do patrimônio

No início da surpreendente realidade imposta pela pandemia, o museu recorreu à tecnologia para reagir às dificuldades de comunicação, sem uma programação prévia e consistente. No retorno às atividades presenciais, com mais tempo e acrescentando à sua prática anterior a experiência acumulada neste período, as instituições museológicas têm a oportunidade de repensar sua função e estabelecer uma cultura renovada de atuação social, se transformando num

[...] espaço de intervenção coletiva. Talvez possa abandonar a postura de autoridade exclusiva, especializada no domínio científico da coleção, para admitir outros contributos. No museu que vai surgir, talvez possamos encontrar o ‘museu imaginário’, onde todos estejam virtualmente conectados e onde seja facultado um acesso global, interativo e colaborativo, às coleções. Talvez o museu se torne efetivamente numa ferramenta para a construção coletiva do sentimento de pertença (ROQUE, 2020, n.p).

O período crítico da pandemia foi de déficits, demissões, cancelamentos, adiamentos etc. Por outro lado, “[...] emerge do mundo pós-pandêmico a oportunidade de revisão radical dos princípios de organização e funcionamento do setor, [...] com foco na comunidade, e atração de novas modalidades de parcerias e de atração de capital” (ROSA, 2020, n.p).

Para esse novo recomeço, a sociedade terá que lidar com o luto e a desigualdade. Nesse cenário, museus terão que repensar seu papel, se transformando num “recurso democrático, socialmente inclusivo e economicamente sustentável” (SOARES; MOTTA, 2020, n.p).

Referências

AGÊNCIA IBGE Notícias. IBGE divulga as Estimativas de População dos municípios para 2018. *AGÊNCIA IBGE Notícias*. Rio de Janeiro: IBGE, 29 ago. 2018, Editoria: Estatísticas Sociais. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia->

5 <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-%20264166628>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Inclusão e Diversidade nos museus em tempos de quarentena: agora e depois

-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/22374-ibge-divulga-as-estimativas-de-populacao-dos-municipios-para-2018#:~:text=O%20IBGE%20divulga%20hoje%20as,da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20(Revis%C3%A3o%202018)>. Acesso em: 12 ago. 2020.

BELIK, Laura. O papel dos museus e seus espaços, durante e após a pandemia. *Nexo*. São Paulo: 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/O-papel-dos-museus-e-seus-espacos-durante-e-apos-a-pandemia>>. Acesso em: 21 jul. 2020

CECA-BR; REM-BR. *Carta Aberta dos educadores museais brasileiros sobre os efeitos da Pandemia de Covid-19 na educação museal no Brasil*. Comitê Brasileiro de Educação e Ação Cultural do ICOM e Rede de Educadores de Museus – Brasil, 30 abr. 2020. Disponível em: <http://www.icom.org.br/files/Carta_Aberta_e_Recomenda%C3%A7%C3%B5es_para_Educa%C3%A7%C3%A3o_Museal_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

INSTITUTO Brasileiro de Museus. *Recomendações aos museus em tempos de covid-19*. Brasília, DF: Ibram, 2020. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Recomendacoes_Museus.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

LOBO, Ana Paula. No Brasil, 45,9 milhões de pessoas ainda não acessam a Internet. *Convergência Digital*. São Paulo: Convergência Digital, 29 abr. 2020, Inclusão digital. Disponível em: <<https://www.convergenciadigital.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=site&inford=53506&sid=14&tpl=printerview>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MARKETING Cultural. Saiba Tudo o Que é Preciso Saber Sobre o Auxílio Financeiro Para o Setor Cultural. *Marketing Cultural*. Rio de Janeiro: VALORES – Agência para o Desenvolvimento Social e Humano, 2 jul. 2020, Leis. Disponível em: <<http://marketingcultural.com.br/saiba-tudo-o-que-e-preciso-saber-sobre-o-auxilio-financeiro-para-o-setor-cultural/>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

PARK, Kil Jin Brandini. Inclusão digital. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro; CARNICEL, Amarildo (Org.). *Palavras-chave em Educação não-formal*. Holambra: Setembro; Campinas: Unicamp/CMU, 2007.

RAPOSO, Luís. O que podem fazer os museus, estando encerrados? *Público*. Lisboa: Público – Comunicação Social, S.A., 4 abr. 2020, Cultura/Ípsilon, Opinião. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/04/04/culturaipsilon/opiniaopodem-museus-estando-encerrados-1910781>>. Acesso em: 12 de ago. 2020.

REDE Gazeta. MASP demite 29 funcionários por causa da paralisia das atividades. *A Gazeta: entretenimento: cultura*, 2020. Disponível em: <<https://www.gazeta.com.br/entretenimento/cultura/masp-demite-29-funcionarios-por-causa-da-paralisia-das-atividades-0720>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

REISS, Carlos. Os museus no pós-pandemia: entre o “novo normal” e a resignificação. *Plural*. Curitiba: Editora Barbante, 25 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.plural.jor.br/artigos/os-museus-no-pos-pandemia-entre-o-novo-normal-e-a-ressignificacao/>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

ROQUE, Maria Isabel. Repensar o museu em tempo de pandemia. *a.muse.arte*. 4 abr. 2020. Disponível em: <<https://amusearte.hypotheses.org/6368>>. Acesso em: 21 jul. 2020

ROSA, Eleonora Santa. Mudança de postura e foco - os museus pós-pandemia. *Dom total*. Belo Horizonte: Fundação Movimento Direito e Cidadania. 2020. Disponível em: <<https://domtotal.com/noticia/1446733/2020/05/mudanca-de-postura-e-foco-os-museus-pos-pandemia/>>. Acesso em: 21 jul. 2020

ROUBICEK, Marcelo. Os efeitos mais graves da pandemia nas periferias, em 4 pontos. *Nexo*. São Paulo: Nexa, 2 jun. 2020. *Expresso*. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/06/02/Os-efeitos-mais-graves-da-pandemia-nas-periferias-em-4-pontos>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SÁ, Nelson de. Diretor do Sesc compara reabertura em São Paulo, no dia 10, a um renascimento. *Folha de São Paulo*. São Paulo: Folha de São Paulo, Ilustrada, 3 ago.2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/diretor-do-sesc-compara-reabertura-em-sao-paulo-no-dia-10-a-um-renascimento.shtml>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

SINGH, Kanishka. Museu Metropolitan corta mais 350 funcionários devido à pandemia. *EXTRA*. Barueri: Editora Globo S/A, Reuters, 2020. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/museu-metropolitan-corta-mais-350-funcionarios-devido-pandemia-24569715.html>>. Acesso em 05 ago. 2020.

SOARES, Bruno Brulon; MOTTA, Renata Vieira da. Museus em tempos de Covid-19: o luto e a luta. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: Folha de São Paulo, Tendências e Debates, 16.jun.2020, Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/museus-em-tempos-de-covid-19-o-luto-e-a-luta.shtml>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

STUDART, Denise Coelho. Pandemia global de Covid-19 e Impactos para os Museus: Crise ou Oportunidade? *Revista Museu*. Rio de Janeiro: Clube de Ideias Comunicação e Sistemas Ltda. 2020. Disponível em: <<https://revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8539-pandemia-global-de-covid-19-e-impactos-para-os-museus-cri-se-ou-oportunidade.html>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Políticas Públicas de Inclusão Cultural de Públicos Especiais em Museus*. 2007. 322 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

ZORZETTO, Ricardo. A matemática para conter o avanço explosivo do novo coronavírus. *Veja Saúde*. São Paulo: Editora Abril, 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/medicina/a-matematica-para-conter-o-avanco-explosivo-do-novo-coronavirus/>>. Acesso em: 16 jun. 2020.